

## PAPEL MOEDA

1) Será o papel moeda um mal? Não é só um mal, responderá quasi toda a gente, é uma calamidade. Esta opinião vulgar, assim representada sem medida, nem moderação, seguramente não é a dos mestres em Economia Política. Na sciencia ha, é certo, alguns antagonistas dessa moeda, mas nenhum é extremado, comquanto, ás vezes, assás severos, e entre estes se acha Almeida Nogueira (v. 2, ns. 460 e segs.). Mais se firmou no Brasil a crença de que todo nosso mal, todo nosso desarranjo economico provinha da circumstancia de termos de facto papel moeda por padrão monetario pela luta travada ao tempo do Ministro Murtinho para o restabelecimento do papel conversivel ou *moeda papel*, na technica scientifica corrente.

Murtinho foi realmente um benemerito, não porque tivesse procurado nos livrar de uma moeda má em absoluto, mas porque lutava como abaixo veremos por satisfazer o desejo dos capitalistas europeus, que nos forneciam meios de producção. Uma vez que os capitalistas europeus, dos quaes dependiamos para termos os meios de desenvolvimento de nossas riquezas, exigiam que tivessemos typo metallico, força nos era obedecer. Recordemos, porém, da argumentação cerrada de Andrade Figueira e de outros mestres, que habilmente deixando de parte esta circumstancia decisiva desferiam golpes certos na medida do Ministro. Com effeito, posta de parte a exigencia dos europeus, nada havia para não termos papel moeda, *uma vez que o nosso Governo fosse prudente nas emissões*. Ora, justamente era o temor de qualquer imprudencia da nossa parte, abusando das emissões, que sobressaltava os capitalistas europeus. A conclusão, pois,

é que, com muitos gabos a Murtinho, reconhecendo justa razão de alarma nos capitalistas europeus, licito entretanto nos é sustentar que o papel moeda está longe de ser um mal como o vulgo pensa.

Ao que ficou dito cumpre accrescentar que o estudo que vamos fazer tem toda a opportunidade, porque hoje, em consequencia da conflagração européa (*à quelque chose malheur est bon*), já não estamos na antiga dependencia dos capitalistas do velho continente. Uma these fundamental vamos desenvolver neste breve artigo: o unico perigo do papel moeda está no abuso das emissões. Usado moderadamente, o papel moeda é tão importante factor do desenvolvimento da riqueza publica quanto a moeda metallica.

2) Uma das mais bellas e também mais difficeis theorias economicas é precisamente a da moeda. Muitas explicações têm sido dadas do motivo por que a moeda existe, e é acceita por todos com um poder de aquisição quasi uniforme em todos os tempos e em todos os lugares. Costumam os economistas dividir as escolas em dous grandes grupos. Para uns, a moeda tem um caracter juridico, é uma creação do Estado. Outros são metallistas. Quanto ás doutrinas juridicas, ha a objectar que a moeda circula mesmo sem a autorização do Estado, e até contra a vontade delle. A prova desse ultimo asserto temos na luta para cohibir os titulos ao portador, emittidos por particulares. Todos conhecemos as disposições leaes mesmo em nossa patria contra os vales e outros titulos de divida ao portador, quando são de procedencia particular. Essas theorias juridicas têm, além disso, contra si a historia: é sabido que, em seu estado primitivo, a moeda nada tinha de official, se nos é permittida a expressão. Qualquer porção de metal, pesado na balança, sem nenhuma intervenção da autoridade publica, era moeda. Todos temos noticia das transacções *per aes et libram*. O Estado nada mais fez do que reconhecer o que a tradição, ou o costume, havia con-

sagrado, facilitando sómente, com o cunho official, o curso dos metaes preciosos. As doutrinas metallicas, apparentemente tão seductoras e tão simples, ao ponto de haverem levado nosso saudoso mestre Almeida Nogueira a dizer que Macleod, defensor de escola diversa, “se embala nos páramos de imaginosa phantasia” (v. 2, n. 382), não explicam como tem curso o papel inconversível, assumindo mesmo o papel moeda o caracter de padrão monetario, conforme explica Chlepner, e abaixo mostraremos. Com effeito, veremos que, ao aceitarmos uma nota inconversível, não nos passa pelo espirito ser ella a representação de certa quantidade de moeda metallica, e que mesmo nossas transacções, ao envez de serem feitas, tendo por base um typo de moeda metallica, o são por uma *unidade abstracta*, que é o verdadeiro padrão monetario. A estas observações se junta a de Tarde, a saber: que toda riqueza é essencialmente consumível e accidentalmente permutavel, ao passo que o contrario precisamente succede com a moeda metallica, ou com os metaes preciosos. A funcção principal destes é facilitar as permutas, e só raramente são utilizados nas industrias como sendo materias primas.

3) Se as duas fórmulas de explicar a moeda são insufficientes, como acaba de ficar provado, ha comtudo um fundo de verdade em cada uma dessas theorias. Não se póde ir ao extremo de sustentar, com Macleod, que a moeda seja um *titulo de divida contra a sociedade*, opinião já defendida por A. Smith nestes termos: “Um guinéo póde ser considerado como sendo um titulo ao portador sobre todos os mercados da localidade, pagavel em uma certa quantidade de cousas proprias para a satisfação das necessidades e commodos da vida.” Para ser isto verdade, necessario se tornaria que a moeda tivesse força de desapropriar qualquer mercado dos artigos de seu commercio.

A unica theoria aceitavel é a que explica o curso da moeda, seu recebimento por todos, como sendo o resultado de constituir ella *meio de facilmente obtermos aquillo de que temos necessidade*. E' a crença em que estamos de que a moeda nos *facilita* alcançarmos os bens que *desejamos*, é a convicção em que nos achamos de que com a moeda, desejada quasi unanimemente, obtemos tudo quanto nos agrada, ou, ao menos, *quasi tudo* que dá á moeda esse curso admiravel, cuja explicação tem sido buscada pelos economistas. A *função de aquisição* da moeda tem ainda uma particularidade digna de menção: a moeda fixa de um modo admiravel a quantidade de mercadoria que com ella nós podemos obter, e é por isto uma unidade abstracta de uma utilidade assombrosa.

Resumindo: a moeda, ao mesmo tempo que nos dá a crença de que com ella poderemos obter objectos de que temos necessidade ou que desejamos, fixa a quantidade desses objectos *tanto quanto possível*, e de modo satisfatorio em tempos normaes. E' justamente quando essa função de unidade abstracta da moeda falha que surgem as crises economicas, com as quaes nos occupámos em remotissimo artigo.

4) Nos tempos primitivos havia a troca de bens por outros bens, e entre estes os de uso mais geral, mais geralmente ou quasi universalmente aceitos e procurados eram os metaes preciosos. Parece, pois, á primeira vista, que, na qualidade propriamente de mercadorias, é que se fazia tal procura de metaes. A realidade, porém, é outra. Já então os metaes eram procurados, não para uso ou consumo, como o eram as demais mercadorias, mas como meio de obtenção de quaesquer outras mercadorias. Desde então, já tinham os metaes essa função representativa de instrumentos de aquisição, com determinação, nos limites do possível, da quantidade que poderiam adquirir, ou de sua força de aquisição, o que lhes dava

caracter de unidades abstractas de valor. Neste ponto é conveniente esclarecermos bem o que vem a ser esta medida abstracta ou unidade de valor. A locução medida de valor, consagrada pelo uso, não passa de uma metaphora. Realmente não se póde medir o valor como se medem as distancias, o tempo, o peso. . . Verdadeiramente, o valor não é determinado por uma relação entre os objectos, mas pelo desejo que temos de possuil-os, desejo que é mais ou menos intenso, e é essa intensidade que existe dentro de nós mesmos que verdadeiramente constitue a medida do valor. Vale muito mais a bigorna para o ferreiro e o livro para o professor e, portanto, não é possível, abstrahindo do desejo que têm essas pessoas de possuir esses objectos, saber qual o valor da bigorna em relação ao livro. A medida do valor é, pois, psychologica, refere-se á humanidade. Desapparecida a humanidade, deixaria de ser possível uma medida de valores; entretanto, continuaria a existir a medida da distancia. Uma certa porção de qualquer substancia, nas mesmas condições, tem sempre o mesmo peso, o mesmo volume, o mesmo comprimento, a mesma largura. Ao contrario, esse mesmo objecto, sem nenhuma modificação das condições externas, tem ora um valor, ora outro. Para inteira clareza dessa theoria da moeda que vamos expondo, e que é inspirada, como acima ficou dito, nos trabalhos de Say e Chlender, temos necessidade de tocar num ponto que todos os economistas têm deixado na penumbra.

5) Costuma-se dizer, e é isto repetido por todos os economistas, que os metaes preciosos são universalmente aceitos. Este caracteristico se acha na definição do Dr. Almeida Nogueira (n. 385, 2.º v.), que diz elle ser uma modificação das de Walker e Sidgwick. E' mercadoria de CURSO GERAL, diz o saudoso economista brasileiro, e, desenvolvendo esta thése, entoa hymnos ao poder dos metaes preciosos, diante dos quaes se abatem os muros

das cidades fortificadas, ajoelham todos os homens, ainda mesmo os atheus. “A PRIMEIRA POTENCIA NA SOCIEDADE MODERNA” (n. 387). E’ ponto fundamental deste artigo mostrar que não é isto verdade, que ha, da parte dos economistas, ahi, um exagero. A verdade é que os metaes preciosos são geralmente mais procurados do que as outras mercadorias, são os objectos mais geralmente procurados e recebidos, havendo, porém, certos casos em que cedem o passo a outros. O proprio Dr. Almeida Nogueira refere-nos o que succedeu, quando o General Couto Magalhães ficou repentinamente millionario. Diz o saudoso economista, nas suas “Tradições e Reminiscencias”, que o General mandou espalhar sobre o soalho porção de moedas, e sobre ellas caminhou, dizendo que nunca seria dominado pelo dinheiro. Muitos outros são os casos em que o ouro e a prata nada valem. Pessôas ha que preferem perder certos objectos a vendel-os. As flôres do quintal de uma pessoa de posição social: não as venderá o dono, porque não lhe fica isto bem, e mesmo é contra seu interesse. Os frutos da casa de uma pessôa occupada: mais vale perdê-os do que perder tempo em negocial-os com o publico. No deserto, no sertão, nos lugares onde não ha artigos de commercio para serem por nós comprados: para que, em taes condições, o ouro e a prata? Na critica ao systema Law, dizem os mestres, e entre elles Macleod, que a moeda não representa mercadorias, mas só o capital, isto é, o producto do trabalho que ainda não foi dado por mercadorias. Não é este o erro, nem é verdade que a moeda não seja nem uma mercadoria, nem um titulo representativo de uma mercadoria, mas o que é certo é que a mercadoria que o papel moeda representava no systema de Law tinha como lastro uma mercadoria menos procurada. Essa mercadoria era a terra. Nem todos querem terra: ella não é util a todos. Ella não convém a todos. Os metaes preciosos são de

utilidade muito maior. Os metaes preciosos têm incontavelmente muito mais procura do que a terra. E' uma subtileza sem fundamento dizer-se, ao criticar Law, que o titulo representativo, como diz Macleod, deve corresponder a um capital, e não á terra. O credito hypothecario, uma letra hypothecaria, uma escriptura de hypotheca póde ser objecto de procura de um limitadissimo numero de pessôas: as que desejam collocar seu dinheiro a juros, e que estão resolvidas a ficar com o immovel, se o devedor não solver a obrigação. Um vale de generos alimenticios de primeira necessidade é aceito por um certo numero de pessôas: as que procuram artigos proprios para o sustento de operarios. Uma nota pagavel em ouro tem muito maior valor de aceitação, porque muito maior é o numero de pessôas que desejam os metaes preciosos do que o das que precisam de generos alimenticios de primeira necessidade, ou de terras proprias para a cultura. Eis porque os metaes preciosos têm sido sempre considerados como sendo a medida do valor. Elles não passam do determinador approximado da média da sua desejabilidade, pelo genero humano. Representam, diz Macleod, o capital, ou a quantidade de productos que não foram consumidos, que foram guardados. Mas, se esses representantes dos productos forem, por sua vez, representados por titulos em papel, é bem possivel que demos em certas condições (casos de viagem) preferencia ao papel sobre os metaes.

6) Antes de darmos a theoria que nos parece ser a unica verdadeira sobre moeda, a unica que explica esse phenomeno que assombra os economistas, isto é, curso do papel moeda, vamos ver um ponto fraco da aceita pelo Dr. Almeida Nogueira. Diz elle que o *caracter substancial* da moeda é a capacidade de extinguir dividas, é o *effeito liberatorio* (n. 382). Ora, em primeiro lugar, ninguem pensa, senão excepcionalmente em pagar dividas com a moeda. Ella, em geral, serve para adquirir. Além

disso, porém, se dermos á moeda, por esta fórmula, tão accentuado caracter juridico, devemos nos lembrar de que seu effeito liberatorio é muito limitado por lei. A seguir-se este criterio, nossa moeda de prata só seria moeda até 20\$, em vista do disposto no art. 2.º do decreto de 28 de Julho de 1849, e do art. 4.º do decreto de 30 de Setembro de 1867, pois só até esta importancia são os credores obrigados a receber-a. Este effeito liberatorio, embora geral modernamente, não passa de uma *consequencia* da natureza da moeda, e está longe de poder ser considerado como *caracter substancial da moeda*. Emfim, para o Dr. Almeida Nogueira nenhum inconveniente deveria haver no systema de Law, desde que o Governo, a lei e o poder publico haviam firmado que o papel representativo de terras e de rendimento de terras teria effeito liberatorio.

**7)** Vamos apresentar nossa opinião sobre o que é a moeda, e sobre o motivo por que ella é aceita sem relutancia, pacificamente, havendo entre os homens desaccôrdo sómente sobre sua maior ou menor força na aquisição de mercadorias. Reproduziremos algumas noções elementares da sciencia.

Nos primeiros tempos, produz o homem o indispensavel para a sua subsistencia. Mais tarde, consegue accumular e guardar. E' a primeira fórmula do capital. Estas mercadorias accumuladas, guardadas, são de varias especies. Os productos que mais facilmente se transportam e de mais facil guarda são precisamente os metaes preciosos. Eis porque elles representam, com a desejavel exactidão, aquelles productos que, em troca delles, foram dados. Se eu produzo um excesso de trigo, posso, em vez de guardar esse trigo, trocal-o por outra mercadoria de facil transporte, de facil guarda, que é o ouro. A moeda metallica é, pois, uma mercadoria. Até ahi estão todos de accôrdo, ainda que Macleod e outros já vejam nella uma representação da mercadoria que verdadeiramente é dese-



jada. Sim: mesmo nos tempos primitivos, ninguem quer o ouro pelo ouro, mas porque o ouro nos dá a possibilidade de adquirir, em geral, qualquer outra mercadoria, qualquer outro bem para nosso consumo, ou para servir de base á nossa producção. Accommodando idéas, diremos que a moeda é uma mercadoria com poder de aquisição de outras mercadorias, poder que não deve ser exagerado ao ponto de se dizer que a moeda é um titulo sacado contra a sociedade, o que é erro, pois a sociedade poderá pagar ou não esse titulo. A moeda de ouro dá-nos fundada esperança de obtermos tudo quanto desejamos. Mais tarde, desenvolvido o credito, já não ha necessidade de uma prova tangivel de productos salvos do consumo, de existencia de capitaes: as simples promessas exercem, até certo ponto, a funcção de moeda. Uma letra ao portador nada mais é do que a promessa de que por ella se obterá uma certa quantidade de mercadorias. Dahi a idéa de um titulo que, sob a fé da autoridade, do Estado, dá confiança em que se receberá, mais cedo ou mais tarde, uma certa porção de mercadoria. Esta é a primeira idéa dos titulos representativos que não são formados por metaes preciosos. Sem duvida o metal precioso dá melhor a segurança de aquisição de bens, porque melhor garante a existencia de productos poupados, ou retirados do consumo. Esta é a razão por que, com muito mais frequencia, e muito mais accentuadamente, é abalada a confiança no papel do que no metal. O que, porém, devemos deixar bem estabelecido é que o metal e o papel só valem pela confiança que temos em seu poder de aquisição. Quando Nogaró disse: “a moeda é um objecto que usualmente se recebe nas trocas, não por ellas mesmas mas para a trocar ulteriormente”, abrangia, em sua explicação, a moeda metallica e a representada por papel. Ser ou não mercadoria é ponto secundario: se o Estado procede honestamente, sua moeda inspira tanta confiança

quanto o metal, que é a prova provada da existencia do producto poupado ao consumo. Com estas investigações que tanto pertencem á Economia Politica como á Psychologia, vejamos porque pacificamente se recebe o papel moeda.

8) São geralmente defendidas pelos economistas duas theorias explicativas do valor do papel moeda, denominadas metallistas. No fundo a concepção é a mesma: o papel moeda representa a moeda metallica, e só assim tem força. Diz uma variante da escola metallista que o papel moeda vale pela esperança que tem seu possuidor de que será, um dia, convertido em moeda metallica. Ha varios argumentos contra esta opinião. O primeiro, apresentado por Chlepner, é summamente agudo. Diz elle que um titulo de devedor insolvente póde ter valor integral, mas nunca maior valor real do que o nominal. Ora, em certas occasiões, o papel moeda tem tido mais valor que a moeda metallica. Isto se deu mesmo em nosso paiz. Consequentemente, não é a esperança de conversão futura que dá curso ao papel. O argumento decisivo, porém, é tirado da observação de que, ao receber papel moeda, ninguem pensa em sua conversão, ninguem indaga se será ella para seus dias, ou se para os de seus netos. O que todos desejamos é ter um meio de adquirir os objectos de que necessitamos. A confiança no Estado que emittiu papel é o fundamento unico para o recebermos. Phenomeno psychologico analogo temos nos emprestimos a longo prazo, feitos pelos particulares aos Estados. Ninguem pensa, em tal caso, na conversão, ou mesmo é ella temida. O que o capitalista quer é ter o rendimento, o juro. Do mesmo modo, o que quer a pessôa que recebe o papel é ter a certeza de que, confiados na probidade do Governo, dar-lhe-ão os demais membros da communhão social as mercadorias de que precisa. A segunda variante do metallismo diz que o metal é que representa, com seu

padrão, o valor que damos aos bens. Quando damos, por um objecto, certa quantia em papel, temos sempre presente que essa quantia significa, em metal cunhado, em moeda metallica, quanto dariamos por esse objecto. Ora, isto é contra a realidade.

Essa unidade que serve de medida de valor dos objectos, como acima dissemos, indica imperfeitissimamente a intensidade de nosso *desejo* de possuir um objecto: é uma medida approximada, uma indicação de um estado de espirito, que tanto se pôde concretizar num metal amoadado, como numa cedula de um banco ou do Thesouro. Nos paizes em que circula o papel, longe de pensarmos na aquisição dos objectos, avaliando-os em ouro, apreciamos seu valor só em papel. Exemplo frizante, temos nos casos de importação. Não queremos saber em quanto nos fica a mercadoria em moedas de ouro, mas quanto nos custará em papel. O padrão monetario ahi, pois, é evidentemente o papel, e não a moeda metallica. E' pelo papel, pelo padrão monetario papel, que apreciamos approximadamente o gráo de *desejabilidade* das riquezas, ou metaphoricamente, como acima ficou dito, é elle a medida do valor. Já firmámos o alcance desta locução: não ha medida objectiva do valor, mas podemos dar como medida o desejo médio dos homens, desejo que ha em relação aos varios bens, ou a traducção de intensidade com que geralmente se desejam certos bens. Pelo que temos exposto, claro está que aceitamos a concepção dos physiocratas, que viam, contra os mercantilistas, na moeda, um orgão com a funcção de fazer circular as riquezas de consumo. A moeda não é mais que um intermediario, facilitando a troca, perdida, quer para os metaes, quer para os titulos, a idéa de utilização directa da materia de que é feita a moeda. Foi essa preocupação de que os metaes poderiam servir directamente, ter utilidade propria, immediata, ser (diremos, para maior cla-

reza) reduzidos a joias, que levou os economistas a affirmarem que o papel moeda não passa de um trapo. Este papel moeda é, na realidade, o padrão monetario. Não pensam os membros da communhão social, ao receberem papel moeda, em um padrão metallico, que sirva para representar o valor geral ou a relação de troca entre os productos.

9) Incidentalmente diremos, para evitar quaesquer duvidas, que o valor é a relação de troca entre os productos, mas que essa troca é effectuada segundo nossas predilecções, ou preferencias, por este ou por aquelle producto, e que o preço nada mais é que esse valor traduzido na unidade abstracta, que é, até certo ponto, medida do valor. Sim: *até certo ponto*, porque é relativa ao nosso desejo de possuirmos certos objectos, e esse desejo não pôde ser medido, como se medem as cousas materiaes. Uma dôr, um prazer, não têm a exacta medida de um objecto qualquer do mundo fatal. Trocamos, em geral, um litro de trigo por certa quantidade de uma composição typographica, e portanto um livro de certo numero de paginas custará tantos litros de trigo. Essa é a relação geral. A quantidade de moeda representativa dessa relação, correspondente primitivamente, tanto ao livro, quanto ao trigo, é o preço. Quando, porém, o agricultor dá por uma certa quantidade de trigo muito maior quantidade de uma composição typographica, ou, ao contrario, o sabio dá por uma pequena composição muito maior porção de trigo do que geralmente succede, houve uma alta do valor de um desses objectos, e esse valor, representativo da excepcional estima ou desejo de uma das partes, é o preço excepcional, que revela esse *desejo* excepcionalmente intenso de posse do objecto. E' classico o exemplo de dar um cavallo por um reino. Ahi temos as influencias psychologicas determinadoras da procura e da offerta. Deixa-as na penumbra Macleod, por entender que ellas

pertencem a outra sciencia que não a Economia Politica, mas não lhes nega a existencia. Na busca do fundamento psychologico do papel moeda, devemos pô-las em destaque. Assim teremos de agir ao indagarmos porque é aceito o papel moeda.

**10)** Os factos não se devem dobrar ás theorias. São estas que devem explicar os factos. Se o papel moeda é aceito, não podemos dizer que é uma instituição absurda. A humanidade não a ensandeceu. O papel moeda não pôde ser isto que dizem os mestres de theorias de gabinete. O illustre economista patrio que tanto nos merece, o Dr. Almeida Nogueira, resumiu todo seu desprezo pelo instituto, dizendo que lhe eram com justiça applicados “os mais affrontosos apodos pela generalidade dos economistas”. Quasi chegou a affirmar que ainda era pouco todo o mal que se tem dito do papel moeda. Ainda que com pouquissimos companheiros, vamos sustentar a defesa, mais psychologica do que economica, do papel moeda.

**11)** Chlepner diz que o papel moeda apparece, a principio, em fórma de moeda papel, ou titulos conversiveis, e que, quando o publico se *habitúa* a tal fórma de moeda, é que se torna *inconvertivel*, e só pela força do *habito continúa* a ser recebido ou aceito. Não nos parece satisfatoria a explicação. O costume sempre representa a convicção de que o acto é conveniente. Um costume desvantajoso para a ordem social, será logo abolido. Em relação ao papel moeda mesmo, temos o exemplo eloquentissimo dos *assignats*. Desde que o povo se convenceu de que elles não correspondiam ás necessidades economicas, deuse sua desvalorização, assás conhecida. Cumpre darmos uma explicação real do phenomeno, de accôrdo com a natureza humana. Consultemos os factos. A principio, como notámos linhas acima, os metaes representavam com a possivel exactidão, os productos poupados, ou que ha-

viam escapado ao consumo, e que poderiam ser empregados productiva ou improductivamente, funcionando ou não, como capitaes. Tinha-se em attenção o custo de producção, e é sabido que este indica approximadamente o valor, **NÃO DEVENDO, PORÉM, SER CONSIDERADO COMO LEI SUPREMA DO VALOR.** Em geral o valor corresponde ao custo de producção, porque seria proprio do louco produzir sem idéa de alcançar remuneração de seu serviço. Ora, como é sabido, pois vamos reproduzindo idéas elementares da sciencia, a difficuldade que ha em todos os tempos e em todos os lugares para os obter, é a mesma. Sua facilidade de transporte ainda lhes tornava mais geral a fixidez de valor. Outras circumstancias, que todos os que conhecem elementos de Economia Politica sabem, faziam que elles pudessem ser preferidos como mercadorias typicas das trocas. Tornou-se, por isto, o metal precioso o typo das trocas, de algum modo, a unidade do valor. Foi a primeira época, em que os metaes eram trocados por outras mercadorias a peso. Uma libra de ouro trocava-se por determinada quantidade de trigo. Mais tarde, com o desenvolvimento da sociedade, a autoridade publica cunhou as moedas, facilitando assim as compras. Já ahi vemos o credito da autoridade, a confiança em sua probidade começando a apparecer. Quando Philippe, o Bello, augmentou a liga dos metaes, houve uma involução nessa confiança. Em geral, porém, poderemos considerar este segundo periodo de moeda metallica como sendo revelador do augmento da confiança na autoridade, não nos esquecendo de que a evolução social leva o Estado a constituir-se como Estado de Direito. Ha, porém, um momento em que o Estado, consultando as conveniencias sociaes, entende que ha vantagem em representar os productos poupados ao consumo por um titulo especial que venha supprir a moeda metallica. Com effeito, como fez sentir o genial Conselheiro Ruy Barbosa, pôde muito bem

succeder que a moeda metallica e mesmo a fiduciaria se occultem em momentos de panico ou de simples retrahimento de confiança nas condições economicas, e então é indispensavel, para facilitar o desenvolvimento economico, que seja lançada na circulação moeda não metallica. Ella é conversivel, a principio, para significar que o Governo, bem informado do que se passa, está prompto para honrar sua firma. O Governo obriga-se a obter ouro por saber que ha no paiz, embora retirado da circulação. E' o terceiro periodo, ou da moeda papel. Desde, porém, que os Estados modernos se sentem assás fortes para poderem impôr a sua vontade, lançam o papel inconversivel, que implicitamente significa achar-se o Estado convencido de que ha capitaes sufficientes no paiz, sem que entretanto, se obrigue a provar esse seu asserto com o sacrificio de resgate immediato.

Se não houvesse relações internacionaes, esse resgate seria facil ao Estado. A difficuldade apparece quando os industriaes de nossa praça vão buscar capitaes no estrangeiro e têm, pois, necessidade de mais metaes do que os existentes no paiz. O papel pôde ser lançado com o character de conversivel, emquanto o Governo tem presente o que possui de productos poupados existentes no paiz. Será illudido seu calculo, desde que queiram nossos industriaes recorrer aos estrangeiros.

**12)** Concretizemos, materializemos isto. Tornar-se-á clarissimo tudo quanto acabamos de affirmar com um conhecido factio occorrido no Paraguay, ao tempo do governo do Dr. Francia. Isolado o Paraguay, sujeito a um regimen de trabalho e economia, houve um excesso de producção, uma verdadeira crise economica por superproducção. Foi o Dr. Francia entender-se com o representante da Inglaterra no Paraguay, e disse-lhe que lhe propunha enviar productos paraguayos para a Inglaterra mediante (está claro) pagamento em metal, ou em titulos

que dessem direito a este metal. Reconstruamos mentalmente as phases da crise, imaginemos o que deve necessariamente ter occorrido. Não era commodo aos productos paraguayos guardar indefinidamente o excesso de sua producção. Preferiam receber uma mercadoria de facil conservação, o ouro. Por outra parte, havia industriaes, emprehendedores que desejavam augmentar sua producção, ou mesmo iniciar qualquer empreza. Não tinham metaes preciosos com que obtivessem esses productos accumulados. Com effeito, podem os productos valer, num paiz, tres, e haver unicamente para os adquirir ouro no valor de dous. O artificio é então, ensinam os economistas, fazer girar mais rapidamente o numerario, crear os titulos fiduciarios particulares (letras), e nenhum motivo ha para excluir o papel moeda emittido por um banco, ou pelo Thesouro. O Dr. Francia poderia ter dado aos individuos que pretendessem obter os productos poupados, para lhes servir de capital, ou instrumentos de producção, o papel moeda, que os habilitasse á compra desses instrumentos de producção. Ahi temos a industria paraguaya favorecida pelo papel moeda. Mas ha um momento em que não ha mais no paiz procura dos productos poupados, e faz-se preciso buscar consumidores no estrangeiro.

E' o momento em que, em consequencia da actual fraqueza das nossas relações internacionaes, faz-se preciso que appareça o ouro como instrumento de acquisição de productos poupados ao consumo. Mas ainda ahi, o ouro tem papel muito menos importante do que geralmente se pensa. As transacções internacionaes só excepcionalmente são feitas trocando-se productos por moeda metallica. Sabemos todos que é, em geral, este balanço de contas nas relações economicas internacionaes que determina o cambio, e pôde gerar a depreciação da circulação local. O credito particular, cujo instrumento é a letra de cambio, evita a trabalhosa remessa de moeda metallica, e simples



jogos de escripta nos bancos e nas casas commerciaes supprem o transporte de moeda metallica. Alguns outros factores actuam, além do balanço de contas, digamos de passagem, na oscillação do cambio. Outro exemplo para illustrar nossa opinião poderá ser tirado mesmo de nosso paiz. Supponhamos que o Estado de S. Paulo produz grande quantidade de café, e, em compensação, poucos instrumentos de trabalho. Não é facil ao lavrador trocar seu producto (café) por alimentos e instrumentos agricolas, nem com elle pagar salarios. Notemos que o ouro que existe em uma localidade póde ser, como acima dissemos, muito menos do que o correspondente ao preço médio das mercadorias poupadas ao consumo. E' o caso em que o Governo poderia fornecer aos lavradores directamente ou por institutos de credito (bancos de credito real ou outros estabelecimentos congeneres), papel moeda para facilitar aos lavradores a aquisição dos meios necessarios para continuarem sua producção. Ahi temos o papel moeda representando uma função importantissima. Innegavel é que, com razão, dizia o saudoso Conselheiro Andrade Figueira, que Murtinho não deveria queimar dinheiro papel, porque este poderia servir para construcção de estradas de ferro, para desenvolver a lavoura de café, etc. O Conselheiro Andrade Figueira, porém, deixava em esquecimento um factor que justificava o procedimento de Murtinho: tinhamos de ir buscar meios de producção no estrangeiro, precisavamos importar mais do que estavamos exportando. Ahi temos o desprezo de um factor individual importantissimo, e é justamente não attender a esses elementos individuaes, a esses factores psychologicos que tem levado a falsas doutrinas os economistas, como diz Nogaro. Ora, o estrangeiro de que dependiamos era contrario ao papel moeda. E qual o motivo por que o capitalista europeu condemna nosso papel moeda? Um unico razoavel: o receio do abuso das emissões, abuso que não

tem sido raro em nosso continente. Não fôra o risco desse abuso, e não haveria motivo para o capitalista europeu (factor individual, elemento psychologico importantissimo, decisivo mesmo) querer que transformassemos nosso papel inconversivel em titulos conversiveis. Neste momento em que a conflagração européa nos obrigou a valer-mo-nos de nossos proprios recursos, nenhuma razão ha para termos medo do papel moeda, UMA VEZ QUE NÃO HAJA ABUSO DE EMISSÕES. Porque houve quem se envenenasse com a strychnina, não se segue que se deva expellir das pharmacias tão importante medicamento.

**13)** Como ficou demonstrado, o papel moeda é aceito porque nos dá o meio de obtermos os instrumentos de produção e tudo de que necessitamos, ou é um meio de aquisição, do mesmo modo que os metaes. Graças á confiança particular, por meio do cambio ou troca do papel por titulos de curso no estrangeiro, vale nosso papel moeda no estrangeiro, embora sujeito á oscillação cambial. Se aceitamos um titulo inconversivel, é pois por motivos muito razoaveis e não é possivel dizer-se, com justiça, que tal moeda é um trapo, nem presumir que a humanidade enlouqueceu, substituindo o bello metal sonante por um retalho de papel immundo, verdadeiro *conto do vigario* passado pelo Governo ao cidadão.

**14)** E' tal a importancia do papel moeda que como disse o genial Conselheiro Ruy Barbosa, reproduzindo a observação do Visconde de Mauá, sua emissão, quando feita em momento de necessidade real, não determina, como se pensa geralmente, uma modificação do cambio, a alta do ouro. (Documentos Parlamentares, Meio Circulante v., 2, pag. 207). Com effeito, se o banqueiro no Brasil reconhece a necessidade do papel, se o ouro fugiu, occultou-se, sahiu do mercado, se a quantidade de moeda mal dá para a circulação interna, como subir o preço da moeda de ouro? Supponhamos um retrahimento da moeda

metallica, desaparecimento dessa moeda, como dizia o Visconde de Ouro Preto (Docs., pag. 208): como acudir ás necessidades do commercio? E' claro que o papel moeda remediará uma necessidade premente e que antes de irem os productores buscar no estrangeiro instrumentos de producção, procural-os-iam no paiz. O cambio, pois, não seria affectado, como não o foi em 1859 e 1890, os annos de maior expansão do credito entre nós, segundo a mesma autoridade (Docs., pag. 208). Assim resume o nosso maior mestre, o grande Conselheiro Ruy Barbosa, a opinião das autoridades sobre o assumpto: "A formula do Sr. Affonso Celso é esta: "Entre nós, o papel moeda não influe para a baixa do cambio. Ainda ninguem deu a esse pensamento expressão tão desassombrada e radical. Querem outra autoridade imperial? Outro pontifice da sabedoria inhumada nos destroços do throno? Pois é consultarem o Sr. Lafayette." (Docs., pag. 211).

**15)** A resposta a dar á questão que nos propuzemos é que o papel moeda é aceito porque tem a função capital da moeda, a saber: "habilitar-nos a obtermos os objectos que desejamos." Iremos mais longe. Não só o papel moeda propriamente dito, mas muitos de seus auxiliares ou succedaneos vão afastando o ouro da circulação. Temos os cheques, as notas promissórias, as letras hypothecarias (analogas ao papel de Law), as notas de bancos, os vales, as obrigações ao portador (*debentures*), os movimentos de escripta e outros meios de que se servem os homens para representarem ou objectivarem o credito, processos que irão agindo de modo a tornarem, em futuro mais ou menos remoto, um verdadeiro fossil o ouro. Já hoje o ouro representa nas transacções a mesma figura que a luta antiga no processo moderno. E' uma simples recordação dos tempos passados. Se, nas vendas em hasta publica, ainda algum porteiro entrega o ramo symbolico, é para avivar a recordação do tempo da entrega real, as-

sim como, nas transacções cambiaes, falamos em libras, avivando a recordação da moeda ingleza, tão conhecida e que vai desaparecendo da circulação. Tempo virá em que as moedas metallicas só figurarão nas collecções numismaticas ou nos museus.

**BRAZ DE SOUSA ARRUDA,**  
Docente da Faculdade.

---